

Psicologia hospitalar: Ludoterapia e a criança em estado terminal

Letícia Aparecida Ribeiro ⁽¹⁾; Tairiny Paola Nogueira ⁽²⁾ Taciane Castelo Branco Porto ⁽³⁾

Letícia Aparecida Ribeiro, Tairiny Paola Nogueira, Taciane Castelo Branco Porto, Centro Universitário de Itajubá-FEPI, curso de Psicologia, leticiariibeiro.psico@gmail.com, tairiny.psi@gmail.com, atelierdepsicologia@tcnet.com.br,.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar a primazia da construção das instituições hospitalocêntrico; etiologia da psicologia hospitalar, possibilitando assim, uma compreensão epistemológica das instituições de saúde, fator este que possibilita analisar como o processo que a hospitalização sofreu e alterações do processo de internação, por fim destacar a importância do atendimento psicológico infantil e familiar, frente à hospitalização de crianças que se encontram em estado terminal.

Palavras-chave: Psicologia, Crianças, Estado Terminal, Hospitalização

INTRODUÇÃO

A construção histórica dos hospitais se iniciou ainda na idade média, com o propósito de acolher e de hospedar os que precisavam desta ajuda. Os hospitais eram instituições de caridade que tentavam suprir as necessidades básicas do ser humano, como a alimentação e estadia (AMARANTE, 2007).

Todavia, a própria concepção do nome hospital é o significante deste auxílio aos que necessitavam de ajuda, pois, a tradução deste termo que é oriundo do latim significa hospedagem/hospedaria/hospitalidade (AMARANTE, 2007).

A primazia quando nos remetemos atualmente ao contexto hospitalocêntrico é referente à prática médica, entretanto, esse paradoxo é fonte essencial e constante que contribuíram para uma vasta linha de pesquisas biopsíquicas. Os avanços da ciência começavam a gerar consequências como o surgimento das medicações que se tornaram fontes do tratamento das doenças. Esta conduta a partir do século XIX começava a ganhar forças tanto referentes ao uso de substâncias para o tratamento de doenças, como o aumento de estudos na área da saúde (AMARANTE, 2007).

O mesmo autor afirma que até este marco histórico os hospitais tiveram uma grande mudança, os internos que antes eram alocados nas alas, passaram a ser separados por setores, ou seja, por doenças em comum e assim começava a se prestar

uma assistência médica o que deu origem aos hospitais que conhecemos atualmente.

Entretanto, os hospitais são geridos atualmente por uma equipe multiprofissional e pautada em uma Política Pública de Saúde adequada ao bem-estar da população, que tem por finalidade um trabalho concedido na universalidade e equidade de um atendimento humanizado que propicie melhor qualidade de vida ao usuário deste sistema (AMARANTE, 2007).

Todavia, a psicologia hospitalar é um fator atual dentro do contexto institucional. Entretanto, é inegável que a demanda hospitalar é pautada no atendimento médico, mas, o trabalho do psicólogo possui características particulares, o próprio espaço físico do hospital é um ambiente tumultuado, a privacidade dos atendimentos ocorre em situações de precariedade sujeitas a interrupções durante o mesmo, todavia, a função do psicólogo hospitalar independente do setor que este profissional for alocado é a promoção da saúde mental, seja esta em um nível primário, secundário ou terciário (MANUAL DE PSICOLOGIA HOSPITALAR, 2007. p. 28).

O público decorrente aos hospitais por sua grande maioria, são pacientes que possuem algum tipo de patologia grave seguidas de fatores orgânicos, o que conseqüentemente pode gerar uma demanda psicológica específica, muitas vezes essa demanda se dá através dos seguintes fatores: Necessidade de uma comunicação adequada da equipe; suporte emocional e/ou social; intervenção nos

quadros psicológicos transitórios; as atuações pontuais e análise das contingências (MANUAL DE PSICOLOGIA HOSPITALAR, 2007. p. 37).

Quando o trabalho é referente à pacientes com alguma patologia grave e até mesmo em casos terminais o psicólogo é um profissional capacitado que vai trabalhar em prol da saúde mental deste paciente, até mesmo da própria família que acompanha. Assim como o trabalho realizado por esse profissional com crianças hospitalizadas e em estado terminal.

O âmbito hospitalar representa para criança um lugar desconhecido, que é composto por restrições de algumas brincadeiras, além ser um ambiente de solidão, tristeza, saudade de casa, dos familiares, amigos e colegas. A família desta criança por sua vez, também passa por momentos de angústia diante do estado de saúde crítico da mesma, esse fator pode ser um gatilho para sentimentos de culpa e de perda. Neste contexto há uma importante vertente do trabalho do profissional de psicologia, que é o auxílio a família frente a tais dificuldades. O trabalho multiprofissional em prol da criança e da família tem por finalidade um tratamento humanizado que tende a garantir uma melhor qualidade no atendimento com o intuito de uma melhora do paciente. (Trotta, Lima & Soledade, 1997 apud, Elias, 2003).

A criança perante o estado de saúde debilitado e pelo próprio processo de internação mostra sua sensibilidade e autenticidade de forma mais intensa que comparada ao adulto, pois, a criança se entrega a equipe, conferindo-os todos os cuidados para tratá-la, até mesmo quando os tratamentos expõe a criança a inúmeros procedimentos que em sua maioria, são invasivos, outro fator que é estressante para a criança é deparar-se com pessoas desconhecidas e de faixa etária maiores que a dela, pessoas estas que tem por finalidade a realização de procedimentos médicos (Calvett; Gauer & Silva, 2008).

Segundo Campos (1995), o hospital é um âmbito de separação da criança com a família e pessoas queridas a ela. Os pais ou responsáveis por essa separação social entendem à necessidade de internação do filho. Mello (1992), afirma que a equipe de cuidadores dessa criança deve ter um zelo e atenção global, tendo ações preventivas a saúde da criança (p.232).

A equipe de profissionais deve estar atenta a essa criança, com o intuito de reduzir o sofrimento físico e emocional dessas crianças, mediante a internação. Sentimentos comuns desses pacientes são o medo da perda ou do afastamento dos pais, medo de ficar sozinha, de não voltar para a casa, de não ter mais os seus brinquedos e amigos. Sendo assim, os procedimentos da equipe de saúde devem ser realizados mediante a explicação para a criança da real situação desta, respeitando a sua realidade psíquica e amenizando seus medos, ao passo que essas fantasias da criança são desconstruídas, a equipe de saúde consegue construir um vínculo maior com essa, pois, o ambiente desconhecido do hospital e os procedimentos invasivos, geram uma cisão na própria intimidade da criança (Trotta e Cols 1997).

Visando o desenvolvimento dessa criança a inclusão do brincar é de extrema importância, pois, as brincadeiras geram na criança um estado de relaxamento principalmente para a administração de tratamentos como o da quimioterapia. O brincar propicia resultados de ocupação do tempo ocioso além de ser um instrumento terapêutico do serviço de assistência médica. (Motta & Enumo, 2004, p. 21).

A criança hospitalizada se encontra com o corpo debilitado por algum tipo de patologia, entretanto, não é somente o corpo dessa criança que está sofrendo com a doença e sim o todo, ou seja, além da debilidade física os fatores emocionais também são comprometidos, todavia, mediante a essas circunstâncias é necessário ter uma postura de cuidado com essa criança, e compreender que se trata de um ser humano e que possui desejos e sentimentos que deve ser considerados e principalmente devem ser acolhidos no processo de hospitalização (Calvett; Gauer & Silva, 2008).

O trabalho da psicologia da saúde mediante a hospitalização infantil, portanto é o atendimento terapêutico frente ao acolhimento, compreensão da demanda, estimulação do brincar na criança, diminuição de fantasias geradoras de medos, além de explicar à criança a realidade na qual ela se encontra respeitando a sua realidade psíquica, e o trabalho com os pais seguindo a linha de acolhimento e suporte emocional.

MATERIAL E MÉTODOS

Participantes

A presente pesquisa ainda passará pela aprovação do Comitê de Ética da instituição- FEPI. Mas, para a realização prática desta pesquisa, o presente trabalho pretende realizar nos hospitais, atendimentos aos leitos, com um embasamento na teoria da Psicologia Hospitalar, com crianças hospitalizadas que apresentem um diagnóstico frente a algum tipo de doença terminal.

Área de realização

Serão realizadas sessões lúdicas com pacientes crianças hospitalizadas, com o intuito de se compreender os benefícios do brincar para crianças que se encontram no cenário hospitalar. Sendo estas sessões realizadas no Hospital-Escola, de modo que este tem por finalidade atuar de forma preventiva e corretiva, dentro das normas vigentes, executando atividades ligadas às instalações, além de ofertar um serviço diferenciado e inexistente na região até então, com estrutura que viabilize atendimento e tratamento às demandas existentes no sul do Estado. Busca realizar atendimento aos pacientes de toda macrorregião.

Instrumento

Este trabalho tem por finalidade a utilização de sessões lúdicas, que serão mensuradas através de uma metodologia qualitativa. Esta por sua vez, visa compreender os principais elementos de fenômenos que emergiram no decorrer das sessões em âmbito hospitalar (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A análise qualitativa envolve uma busca da apreensão dos significados que emergem do brincar das crianças hospitalizadas, onde posteriormente será relacionada ao contexto ao qual se insere, junto a abordagem conceitual utilizada pelo pesquisador. Deste modo, baseia-se na qualidade, sem haver pretensões de impactar o início da representatividade (FERNANDES, 1991 apud ALVES & SILVA, 2002).

Análise de dados

Na análise qualitativa dos resultados é possível um aprofundamento referente aos dados coletados, que permitirá a análise significativa decorrente do uso da ludoterapia nos atendimentos hospitalares, como a melhora e desenvolvimento no processo hospitalar em que o paciente se encontra. (FORGUIERI, 1997 apud BARBOSA et al, 2011).

Os dados coletados durante as sessões lúdicas serão analisados de acordo com a teoria psicológica da abordagem fenomenológica-existencial que possui pressupostos filosóficos na Fenomenologia e no Existencialismo.

O último passo da análise dos dados coletados pelas pesquisadoras, será sublinhar as unidades de sentido dos pacientes, que emergirem durante os momentos lúdicos vivenciados pelos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a mensuração dos dados este trabalho apresenta uma compreensão qualitativa, dando ênfase aos principais elementos decorrentes das sessões de ludoterapia realizadas com as crianças hospitalizadas.

O objetivo da coleta dos relatos envolverá a experiência vivenciada pelas crianças no ambiente hospitalar nos atendimentos realizados perante a ludoterapia.

Para este trabalho, o instrumento a ser utilizado visa a compreensão do fenômeno vivenciado mediante as sessões lúdicas, proporcionando liberdade as crianças em relação as brincadeiras, onde posteriormente será analisado sobre o olhar da abordagem fenomenológico-existencial.

CONCLUSÕES

Todavia, esse trabalho requer do profissional extrema maturidade, conhecimentos, tato e sensibilidade; além de estar com seu emocional preparado para o enfrentamento de um sofrimento intenso no que se refere ao outro, seja este a criança ou os pais. Levando em conta o ambiente hospitalar em que uma criança com doenças terminais passa a viver, torna-se indispensável que o profissional de psicologia foque suas atenções a fim de propiciar a esta criança momentos

minimamente agradáveis, os quais sejam repletos de cuidados que para o paciente sejam especiais, devendo ser marcados por uma presença verdadeira entre terapeuta e paciente. O tratamento quando humanizado além de proporcionar bem-estar ao paciente, promove um vínculo entre paciente e terapeuta, de modo que o paciente se sinta confiante para trazer aquilo que há de mais íntimo em sua essência, em sua totalidade.

REFERENCIAS

AMARANTE, P; **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro. 2007.

ALVES. Z. M. & SILVA, M. H. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, n.2, fev./jul, 2002.

BARBOSA, C.G.; MELCHIORI, L.E.; NEME, C.M.B.; Morte, família e compreensão fenomenológica: revisão sistemática de literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 363-377, dez. 2011.

Manual de psicologia hospitalar / Claire Terezinha Lazzaretti [et al.]. – Curitiba: Unificado, 2007.

ENUMO, S. R.F & MOTTA, A. B. **Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 1, 2004, p. 19-28.

PRODANOV, C.C. & FREITAS, E.C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

FORGHIERI, Y.C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira, 1997.

CALVETT, P. Ü & GAUE, L. M. da. Silva & GAUER, G. J. C. *Psicologia da saúde e criança hospitalizada*. **Revista. Psic. Vetor Editora**. v.9 n.2. São Paulo. 2008.

TROTTA, E.; Lima, E. & Soledade, M. (1997). **Quando os cuidados à criança hospitalizada precisam ser intensivos**. In: Ricardo Ceccim e Paulo Carvalho

(org.). *Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida*. (pp. 112-123). Porto Alegre: Ed. UFRGS.

Elias, A. Re-significação, da dor simbólica da morte: relaxamento mental, imagens mentais e espiritualidade. **Psicologia Ciência e Profissão**. 21(3), 92-97. 2003.

CAMPOS, T. C. **Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais**. São Paulo: EPU, 1995.

FERNANDES, M. E. (1991). Memória Camponesa. **Anais da 21ª Reunião Anual de Psicologia, SPRP**, Ribeirão Preto, 20



Esporte: a metáfora perfeita da vida.

Ágatha Leticia dos Santos Moura⁽¹⁾; Lívia de Mendonça Alves⁽²⁾; Jasiele Aparecida de Oliveira Silva⁽³⁾.

¹ Ágatha Leticia dos Santos Moura. Graduanda em Psicologia do Centro Universitário de Itajubá – FEPI. End. Eletrônico: agathalsnts@gmail.com

² Lívia de Mendonça Alves. Graduanda em Psicologia do Centro Universitário de Itajubá – FEPI. End. Eletrônico: liviamendonca8@gmail.com

³ Jasiele Aparecida de Oliveira. Docente do curso de Psicologia. End. Eletrônico: jasiele_oliveira@yahoo.com.br

RESUMO

Fatores emocionais e psicológicos interferem nos esportes, principalmente nos jogos mundiais de futebol, e em situações decisivas podem ser evidenciados ainda mais entre os profissionais da área de Psicologia do Esporte, como pênaltis, jogos da Champions League, ou Copa do Mundo. Pioneiros brasileiros nessa área e que já atuaram na Seleção Brasileira e times como Palmeiras, Santos e Corinthians, contam como o treinador é essencial para as técnicas utilizadas entre os atletas e o psicólogo esportivo para a saúde mental dos mesmos. Sabe-se que os jogadores se esforçam e trabalham intensamente por anos para jogar na copa do mundo, mas não prepararam o seu psicológico para o jogo, para melhor equilibrar o nervosismo, ansiedade e pressão em campo, tendo essas variáveis como preditoras na interferência do seu rendimento durante as partidas. O treinador é o líder de todo processo, sendo ele que poderá construir todo o trabalho pautado em ajuda psicológica. No alto nível, só depende dele para conseguir seguir este caminho. “Vamos lembrar que dentro de uma Abordagem Sistêmica, dando o mesmo valor para as vertentes físicas, técnicas, táticas e emocionais”, não obstante, o reconhecimento da área de atuação do psicólogo no esporte ainda é escasso pois os próprios técnicos acreditam que o seu papel é ineficaz para se obter o rendimento do atleta.

Palavras-chave: Esporte, Futebol, Psicologia do Esporte.

INTRODUÇÃO

Quando descobrimos um talento inesperado que queremos seguir, depositamos a nossa esperança em sermos bem sucedidos e focamos em nosso objetivo para nos tornarmos os melhores. É o que acontece com os jogadores de futebol que depois de muito investimento e esforço são convocados para a copa do mundo, com a obrigação de dar visibilidade ao seu país, fazendo o máximo de gols para garantir a taça à sua seleção, alimentando o espírito de competitividade, característico do campeonato, em que se reúnem os melhores jogadores do mundo inteiro, inclusive os nomeados como melhores pela FIFA, como Cristiano Ronaldo, Messi e Neymar. Diante da importância desse evento nota-se uma mudança de comportamentos e atitudes dos jogadores, que são os responsáveis por realizar o sonho de todos do seu país pela conquista do título, fazendo com que eles sofram uma pressão na busca da vitória e se frustrem com a derrota.

Fatores emocionais, como ansiedade e pressão psicológica, podem alterar o desempenho do atleta fazendo que ele erre e

não tenha o domínio do jogo, que geralmente tem em situações contrárias, como quando apresenta um equilíbrio emocional. A ex psicóloga da seleção brasileira, Suzy Fleury, explicou a importância da psicologia esportiva e como ela se deu na copa de 2014: “É diferente da psicologia clínica. Ela trabalha com um conjunto de competências referentes ao esporte de alto rendimento. O trabalho é feito paralelamente às competências técnicas, físicas e táticas do jogador. O emocional entra para dar esta parcela de contribuição principalmente nos momentos de decisão. São neles que você consegue ter uma dimensão do preparo emocional dos atletas”. (FLEURY, 2016)

As intervenções psicológicas possuem um aumento significativo no desempenho e no crescimento pessoal, Rodrigo Falcão, especializado em psicologia do esporte fez questão de salientar que: “O trabalho psicológico deveria ter o mesmo peso da parte tática, técnica e física, porque quando a gente fala de alta performance, atleta de elite, se algum desses tripés estiverem ruins, o desempenho vai diminuir, por isso que a parte psicológica deveria ter o mesmo valor que todas as outras áreas. Claro que nos últimos



anos tem melhorado, mas ainda no meu modo de ver existe um preconceito com o setor”. (FALCÃO, 2018)

Devido a esses vieses percebe-se a necessidade de um profissional capacitado para realizar um acompanhamento psicológico com os jogadores, auxiliando-os a manter uma constância no seu rendimento e a saber administrar seus sentimentos e expectativas, mostrando que embora possuam essa responsabilidade eles tem o direito de errar e não se sentir culpados por isso, um exemplo disso está claramente visível no choro de alívio que Neymar, um dos melhores do mundo, deu ao fazer seu primeiro gol na copa de 2018, depois de apresentar um mal desempenho nos primeiros jogos.

Este artigo tem como finalidade apresentar a necessidade do reconhecimento da psicologia no ramo do esporte, para que juntamente com a preparação técnica seja feita uma preparação mental, fazendo com que os jogadores apresentem uma estabilidade emocional.

MATERIAL E MÉTODOS

O delineamento adotado no presente estudo foi uma pesquisa descritiva e exploratória. De acordo com Gil (2010), as pesquisas exploratórias buscam proporcionar uma maior familiaridade com o problema, para torná-lo mais explícito ou para construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado.

O interesse da pesquisa de campo está voltado para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições, entre outros campos. O Tem como objetivo compreender os diversos aspectos da sociedade; conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema; descobrir novos fenômenos e suas relações Gil (2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Está claro que quando um time de futebol possui um psicólogo para acompanhar o caso, o desempenho do time é cada vez melhor, sendo que o psicólogo do esporte visa ajudar os jogadores fazendo avaliações e intervenções para o rendimento da equipe em geral e seus componentes em particular.

O problema encontrado foi justamente a aceitação dos técnicos quanto á contratação de um profissional, visto que em 2016 o treinador Dunga disse ser inviável para a Seleção Brasileira a terapia pois não sabia para quem o terapeuta contaria o que ouviu do jogador,

argumento contrário ao artigo 9 do Código de Ética do CFP (Conselho Federal de Psicologia) que diz:

“É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional.”

Outro exemplo que podemos dar é do técnico Felipão que contratou uma psicóloga 15 dias antes da Copa de 2014, dando a entender que um curto período de tempo seria suficiente para que os levassem a obter sucesso nas partidas em campo. Portanto, é irrefutável dizer que nos times de nosso país e mais particularmente da equipe de jogadores escolhidos para nos representar no maior campeonato de futebol do mundo, os técnicos ainda nutrem de um preconceito demasiado de nossa profissão.

Para Suzy Fleury (2016) que trabalhou na comissão técnica da Seleção, a resposta de Dunga sobre o porque de não contratarem um psicólogo é um forte resultado da fragilidade emocional que precisa ser reavaliada dentro e fora de campo expressa no último mundial da Alemanha sobre o Brasil, que deve ser levada em conta, já que mostra a vulnerabilidade dos jogadores quanto ao seu próprio controle psicoemocional, o que não mudou nesta Copa de 2018, em razão de que nos primeiros jogos do Brasil, os esportistas brasileiros estavam desesperados para pontuar o placar contra os adversários, onde apresentaram um comportamento agressivo, o que nos mostra a vantagem que o psicólogo tem para mostrar os efeitos da terapia em campo, mantendo a tranquilidade que os jogadores devem ter para não se desesperarem frente ao placar final na jogada.

CONCLUSÕES

Conclui-se que o psicólogo do esporte deve ser tratado com a mesma seriedade que tem outras profissões, principalmente referindo-se à comissão técnica da Seleção Brasileira, tendo como finalidade encontrar meios para que os jogadores do time tenham auto-controle durante as partidas para aumentarem sempre mais as experiências vividas dentro de campo, onde o seu papel é orientar para prevenir estresse, lesões e gerar motivação, administrando sua expectativas e tolerância á frustração, visando o bem estar do atleta.

O aumento quantitativo e qualitativo dos psicólogos na área do esporte devem conduzir as intervenções psicológicas na equipe de jogadores e outros profissionais para garantir a compreensão da melhora que nossa profissão traz nas sessões de terapia, tratando da ansiedade dos atletas antes dos jogos e de

suas execuções feitas com sucesso nas partidas.

Diante disso, a psicologia do esporte visa trabalhar o autoconhecimento, disciplina, superação de metas, sendo análogo a vida, pois as práticas de atividades esportivas nos ajudam nos recursos necessários para alcançar os objetivos do cotidiano. Rodrigo Falcão esclarece essa analogia, “sim, uma perfeita metáfora da vida. Ultrapassamos os obstáculos quando nos empenhamos. Ganhamos, perdemos, nos emocionamos, caímos, levantamos, nos frustramos, crescemos, aprendemos, nos superamos, nos retiramos, damos lugar a outros que nos substituem..” (FALCÃO, 2017)

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, J. V. **14 dos 20 times da Série A do Brasileirão não possuem psicólogos na equipe profissional**. 2018. Disponível em: <<https://www.esporteinterativo.com.br/posts/25882-14-dos-20-times-da-serie-a-do-brasileirao-nao-possuem-psicologos-na-equipe-profissional>> Acesso em: 20 jun. 2018.

Jovem Pan. **Ex-psicóloga da Seleção rebate fala de Dunga e não alivia: “fico com pena”**. 2016. Disponível em: <<https://jovempan.uol.com.br/esportes/ex-psicologa-da-selecao-rebate-fala-de-dunga-e-nao-alivia-fico-com-pena.html>> Acesso em: 20 jun. 2018.

LOZETTI, A; FERNANDEZ, M. **Dunga dispensa psicólogo**. 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2016/04/dunga-dispensa-psicologo-eu-nao-sei-para-quem-o-cara-vai-contar-o-que-ouvir.html>> Acesso em: 20 jun. 2018.

Smith R.E., Smoll F.L. (1990) **Sport Performance Anxiety**. In: Leitenberg H. (eds) Handbook of Social and Evaluation Anxiety. Springer, Boston, MA.

VASQUES, L. **Rodrigo Falcão analisa o papel da Psicologia Esportiva**. 2017. Disponível em: <<http://psiquecienciaevida.com.br/74-2/>> Acesso em: 22 jun. 2018.

Weinberg, R.S. & Comar, W. **Sports Med**.18: 406, 1994.



O estresse laboral entre colaboradores de uma empresa sulmineira

Andressa Vince de Oliveira⁽¹⁾; Karina Fernanda de Lima Branco ⁽²⁾ ; Kamila Costanti Vilela⁽³⁾;

¹ Andressa Vince de Oliveira, aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário de Itajubá – FEPI; andressa.vince@hotmail.com

² Karina Fernanda de Lima Branco, psicóloga graduada pelo Centro Universitário de Itajubá – FEPI; kabranco@yahoo.com.br

³ Kamila Costanti Vilela, professora do Centro Universitário de Itajubá – FEPI, doutoranda em Psicologia; vilelaka@yahoo.com.br

RESUMO

O estresse é uma relação entre pessoa e ambiente, sendo prejudicial para o bem-estar do indivíduo. Trata-se de uma condição dinâmica que surge quando uma pessoa é confrontada com uma oportunidade, restrição ou demanda relacionada com aquilo que ela deseja. Quando é vivido ao nível de exaustão, torna-se patológico e interfere na saúde do indivíduo. No ambiente organizacional o estresse interfere na saúde dos colaboradores, reduz os índices de qualidade de vida, prejudica o rendimento dos funcionários e torna-se um dos maiores responsáveis por solicitações de afastamento ou indenizações. Devido ao surgimento de várias doenças vinculadas ao trabalho, como a síndrome de Burnout, o estresse ocupacional representa uma crescente área de estudo. Deste modo, objetiva-se identificar a possibilidade de maior ocorrência do mesmo em áreas específicas, para que, futuramente, medidas assertivas possam ser tomadas, levando-se em conta a saúde e o bem-estar dos trabalhadores. Para tanto, participaram deste estudo 21 colaboradores da área produtiva do Sul de Minas Gerais. Os instrumentos utilizados foram o questionário socioeconômico e o Inventário de Estresse (ISSL – Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp). Os resultados encontrados indicam que 48% dos participantes apresentam quadro de estresse, sendo que todos encontram-se na fase de resistência, 30% dos participantes têm os sintomas físicos predominantes, 60% dos trabalhadores têm os sintomas psicológicos como predominantes e 10% dos participantes têm os sintomas físicos e psicológicos como sendo predominantes. Sugere-se desenvolver novas pesquisas sobre o tema, abrangendo mais colaboradores de diversas áreas.

Palavras-chave: Organizações. Estresse. Burnout. Qualidade de vida no trabalho.

INTRODUÇÃO

O trabalho assumiu um papel de grande importância na constituição do sujeito, bem como em sua inserção social como estratégia de saúde, mas também se encontra associado ao adoecimento mental do trabalhador. Diante disso, pode-se verificar o crescente interesse de psicólogos, no que se refere à saúde do trabalhador (JACQUES, 2003, p. 97). Codo e colaboradores (1997) em suas pesquisas evidenciaram que o trabalho representa um fator constitutivo do psiquismo do ser humano e do processo saúde/doença mental.

O sofrimento psíquico e a doença mental acontecem quando as esferas significativas da nossa vida, geradoras e transformadoras de significado, são afetadas. Desta forma, o trabalho representa uma das atividades humanas geradoras de significado, por

excelência (CODO, 2002). Lipp (2000) ressalta que, como o trabalho é dotado de significado para o sujeito, ele deve proporcionar bem estar subjetivo e não quadro de estresse.

Jacques (2003) ressalta que o estresse é um termo amplamente popularizado, o que resulta numa imprecisão conceitual, além da utilização do termo para qualificar tanto um estado de irritabilidade quanto um estado de depressão grave.

Glina e Rocha (2000) afirmam que o estresse não corresponde a uma doença, mas uma tentativa do indivíduo de se adaptar, não estando relacionado apenas ao trabalho, mas ao cotidiano de vida experimentado pela pessoa. Porém, deve-se reconhecer a importância do trabalho devido a sua relevância neste cotidiano, de forma a transformá-lo em um dos principais fatores desencadeantes do estresse.



O estresse não pode ser considerado apenas algo negativo. Ele pode representar um recurso útil e importante, utilizado frente às diferentes situações de nossa vida no cotidiano. O organismo ativa uma determinada resposta ao estresse, com o intuito de mobilizar recursos para que as pessoas enfrentem situações percebidas como difíceis e que necessitam da realização de esforços por parte do indivíduo (LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2007).

Samulski (2002) considera que o ser humano não vive sem estresse. O estresse está presente na vida das pessoas com o objetivo de fazer a manutenção e o aperfeiçoamento das capacidades funcionais, bem como da autoproteção e do conhecimento do indivíduo acerca de seus próprios limites.

No que se refere aos estressores, Myers (2006) considera que quando estes são percebidos como desafios, podem resultar em efeitos positivos, ativando e estimulando o indivíduo a resolver problemas. Porém, estressores também podem ameaçar os recursos do indivíduo (como sua segurança no emprego, saúde e bem-estar de seus entes, suas crenças, autoimagem etc.).

De acordo com Marra e Veloso (2012), pode-se dizer que o estresse ocupacional ou profissional, se configura quando a origem dos agentes estressores se dá, eminentemente, a partir do espaço de trabalho ou de atividades realizadas neste ambiente. A distinção entre estresse ocupacional e estresse não ocupacional não é tão precisa e nem sempre é a mais adequada, pois não se pode, simplesmente, separar o contexto do trabalho das demais esferas de vida de um indivíduo, já que estas se encontram intimamente ligadas.

De acordo com Lipp (2000), com a evolução dos conceitos teóricos sobre o estresse, adotou-se um modelo quadrifásico que corresponde aos seus diferentes níveis.

A primeira fase do estresse é conhecida como Fase do Alerta, considerada como positiva, já que se caracteriza pela produção e ação da adrenalina no organismo, tornando o indivíduo mais atento, forte e mais motivado (LIPP, 2000).

A segunda fase do estresse, a Fase de Resistência, ocorre devido a períodos muito prolongados da fase de alerta ou devido a novos estressores que se acumulam, levando o organismo a agir para impedir o desgaste total de energia, resistindo assim aos estressores,

com o objetivo de reestabelecer o equilíbrio interior, conhecido como homeostase (LIPP, 2000).

Na Fase de Quase Exaustão, terceira fase do estresse, a pessoa não consegue gerenciar sua tensão, embora ainda seja possível experimentar alguns momentos de equilíbrio, embora com muito esforço, sendo uma fase caracterizada pela presença de muita ansiedade e maior produção de cortisol que acaba destruindo as defesas imunológicas do organismo, dando origem a doenças (LIPP, 2000).

A quarta fase, denominada Fase de Exaustão, corresponde a uma fase patológica e mais negativa do estresse, pois gera desequilíbrio interior, depressão e falta de concentração, impedindo que o sujeito execute suas atividades profissionais, resultando também em doenças mais graves como hipertensão e úlceras, por exemplo (LIPP, 2000).

De acordo com Spector (2002), quando está estressado, o trabalhador pode manifestar tanto reações psicológicas (que envolvem respostas emocionais, como frustração ou ansiedade), quanto reações físicas (que incluem sintomas como dores de cabeça, problemas gastrodigestivos e até o câncer) ou comportamentais (utilização de álcool, fumo ou ocorrência de acidentes).

Identificando-se a vulnerabilidade do indivíduo, torna-se possível formular tratamentos ou planejar ações preventivas. Porém, é preciso que o tratamento do estresse sempre leve em conta o que estressa a pessoa e formas de reduzir ou eliminar os agentes estressores, maneiras que propiciem o aumento da resistência do indivíduo aos estressores e formas de se aliviar os sintomas de forma emergencial (LIPP, 2000).

O presente trabalho teve como objetivo conhecer quais os possíveis níveis de estresse apresentados por colaboradores de uma empresa, instalada no Sul de Minas Gerais. Com este estudo, pretendeu-se verificar os níveis de estresse que envolvem as práticas profissionais destes colaboradores, com o objetivo de identificar a possibilidade de maior ocorrência do mesmo em um público com características em comum, para que, futuramente, medidas assertivas possam ser tomadas, levando-se em conta a saúde e bem-estar dos trabalhadores.

MATERIAL E MÉTODOS



Participantes

Participaram deste estudo 21 colaboradores de uma empresa no Sul de Minas Gerais. Sendo todos do sexo masculino, com idade entre 20 e 62 anos. A amostragem foi não probabilística e a seleção dos participantes se deu por acessibilidade, ou seja, a seleção dos elementos que compuseram a amostra foi feita pela pesquisadora, de acordo com a facilidade de acesso aos mesmos. Como critério de inclusão, apenas colaboradores da área de produção da empresa, como critério de exclusão maiores de dezoito anos e que não apresentassem deficiência intelectual.

Instrumentos

Questionário questionário socioeconômico
Este questionário foi formulado exclusivamente para este estudo, contendo informações tais como, situação familiar, tempo de empresa.

ISSL (Inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp)

Este instrumento fornece, de forma objetiva, a medida da sintomatologia do estresse. Apresenta um total de 19 itens de natureza psicológica e 37 itens de natureza somática. O primeiro conjunto de perguntas com 10 itens, refere-se a sintomas físicos e/ou psicológicos que o indivíduo tenha experimentado nas últimas 24 horas. O segundo conjunto de perguntas, que contém 12 sintomas físicos e 11 sintomas psicológicos, refere-se aos sintomas experimentados pelo indivíduo na última semana. Já o terceiro conjunto de perguntas, também composto por 12 sintomas físicos e 11 sintomas psicológicos, corresponde a sintomas experimentados no último mês.

Procedimentos

A pesquisa foi realizada de forma coletiva, nas dependências da empresa. O tempo de sua aplicação foi de aproximadamente 10 à 20 minutos.

Análise de dados

Após a coleta dos dados, estes foram tabulados. Os dados resultantes foram ilustrados por meio de gráficos e de uma tabela geral. A análise realizada foi quantitativa. No que se refere ao questionário, a análise foi apresentada de forma quantitativa em termos de frequência e porcentagem. No que se refere a escala, a análise obedeceu às normas estabelecidas no manual do instrumento aplicado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das informações obtidas junto aos participantes da pesquisa demonstrou que 48%

dos participantes apresentam quadro de estresse, sendo que todos encontram-se na fase de resistência, onde 30% dos participantes têm os sintomas físicos predominantes, 60% dos trabalhadores têm os sintomas psicológicos como predominantes e 10% dos participantes têm os sintomas físicos e psicológicos como sendo predominantes.

Os resultados demonstraram que a idade da população diagnosticada com estresse foi de 20 anos. Em relação à escolaridade, a maioria deles (40%) possui o primeiro grau incompleto, sendo o menor índice identificado pertencente àqueles que possuem o segundo grau incompleto.

Dentre as ocupações destes profissionais, 30% são trabalhadores que atuam como Serviços Gerais, 20% desempenham as funções de Auxiliar de Produção e o restante atua como Auxiliar de Serviços Gerais, Mecânico, Motorista, Operador e Operador de Empilhadeira (representando 10% cada).

A frequência de estresse foi maior entre trabalhadores que possuem até um ano de trabalho na empresa (20% corresponde a 3 meses de trabalho e 20% corresponde a 1 ano de trabalho).

No que se refere ao estado civil dos trabalhadores que apresentaram estresse, 40% são casados, 40% são solteiros, 10% são divorciados e outros 10% identificaram seu estado civil como "Outros". Do total dos trabalhadores diagnosticados com estresse, 90% afirmou ter filhos e 10% assinalou não ter filhos.

Quanto a prática de atividade física entre os trabalhadores diagnosticados com estresse, foi possível verificar que 50% afirmou não praticar atividade física, 40% relata ter esse hábito e 10% não informou esse dado. Em relação à frequência com que praticam atividade física, 50% da amostra diagnosticada com estresse não a faz nenhum dia da semana, 20% não informou a frequência, 10% pratica 2 vezes por semana, 10% pratica 6 dias da semana e 10% afirmou praticar 7 dias na semana.

CONCLUSÕES

A presente pesquisa teve como objetivo avaliar o estresse entre funcionários de uma empresa no Sul de Minas Gerais, resultando assim no diagnóstico do estresse em parte do público pesquisado e as fases em que se encontravam. A fase de estresse em que a amostra se encontrava foi apontada como a fase de



resistência, caracterizada pelo fato da pessoa tentar lidar, de forma automática, com os estressores, de forma a manter a sua homeostase.

Diante da atual realidade política e econômica vivenciada em nosso país, era esperado que o número de trabalhadores diagnosticados com estresse fosse maior e que os níveis identificados fossem mais comprometedores à saúde do trabalhador, até mesmo pela insegurança que permeia o mercado de trabalho, independente do segmento da empresa. Porém, de certa forma, os dados constatados comprovam a tese de que o termo estresse foi popularizado e, muitas vezes, é confundido, por meio do senso comum com estados de irritação e falta de paciência.

No que se refere ao estresse no ambiente de trabalho, é importante ressaltar que não há um modelo único ou uma fórmula pronta para se lidar com o problema. Medidas devem ser construídas levando em consideração todas as partes envolvidas (principalmente os colaboradores que se encontram sob ação dos agentes estressores), já que pode requerer dos trabalhadores mudanças de hábitos e nas relações interpessoais, além da relação com o trabalho e com a empresa.

A qualidade de vida, o estresse e a saúde do trabalhador têm despertado um interesse cada vez maior das empresas, já que muitas delas puderam comprovar os resultados realmente significativos em relação à produtividade de seus funcionários, pois um funcionário feliz e saudável torna-se mais produtivo e custa muito menos do que os valores gastos por conta afastamentos, absenteísmo e tratamentos de doenças.

Acredita-se que seja importante a realização de novas pesquisas referentes ao tema. No caso desta pesquisa, a amostra envolvida foi de número reduzido e apenas de funcionários da área de produção. Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas, envolvendo também os setores administrativos para que se possa fazer um comparativo entre essas duas grandes áreas de uma organização.

Por meio desta pesquisa, esperou-se contribuir com a organização, mas, acima de tudo, com os colaboradores e com a comunidade trabalhadora, de forma geral, já que se objetivou identificar a possibilidade de maior ocorrência do estresse nos trabalhadores, para que medidas assertivas possam ser tomadas pelas empresas, levando-se em conta a saúde e bem-estar de seus trabalhadores.

REFERÊNCIAS

CODO, W. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In: TAMAYO, A.; BORGES-ANDRADE, J.; CODO, W. (Orgs.). **Trabalho, organização e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1997, p.21-40.

CODO, W. Um diagnóstico integrado do trabalho com ênfase em saúde mental. In: JACQUES, M.G.; CODO, W. (Orgs.) **Saúde mental & trabalho: leituras**. Petrópolis: Vozes, 2002, p.173-90.

GLINA, D.; ROCHA, L. Prevenção para a saúde mental no trabalho. In: GLINA, D.; ROCHA, L. (Orgs.) **Saúde mental no trabalho: desafios e soluções**. São Paulo: VK, 2000, p.53-82.

JACQUES, M. G. C.. Abordagens teórico-metodológicas em saúde /doença mental & trabalho. **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, v. 15, n.1, p. 97-116, Jan. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt ext&pid=S0102-71822003000100006> . Acesso em: 20 set. 2015.

LIMONGI-FRANÇA, A. C.; RODRIGUES, A. L.. **Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIPP, M .E. N.. **Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MARRA, J. P.; VELOSO, H. M.. **Estresse ocupacional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MYERS, D. G. **Psicologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

SAMULSKI, D.. **Psicologia do esporte**. 1. ed. Barueri: Manole, 2002. 380 p.

SPECTOR, P. E. **Psicologia nas organizações**. 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

Sistema educacional brasileiro: Estratégias de Aprendizado e Inteligência na Educação Infantil

Thayná Caroline de Lima Branco ⁽¹⁾, Jasiele Aparecida de Oliveira Silva ⁽²⁾

¹Graduanda em Psicologia na FEPI – Centro Universitário de Itajubá, thaynabranco1@yahoo.com.br

²Professora de Psicologia na FEPI – Centro Universitário de Itajubá, jasiele_oliveira@yahoo.com.br

RESUMO

A presente pesquisa insere-se no campo da Psicologia da Aprendizagem e visa analisar as dificuldades de aprendizagem em uma escola de educação infantil e, como diferentes estratégias de ensino aliadas aos tipos predominantes de inteligência do indivíduo podem melhorar sua eficiência escolar. Espera-se que o rendimento escolar dos mesmos, o planejamento de aula e o convívio social em ambiente escolar sejam melhorados nesse período, visando assim, uma nova estratégia de aula para esse grupo de alunos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo, pretendendo obter maior familiaridade com o problema e uma melhor análise do mesmo, para assim, ter embasamento teórico satisfatório da hipótese. A presente pesquisa tem como objetivo observar e mensurar/analisar as dificuldades de aprendizagem na Educação Infantil e, sendo assim, como diferentes estratégias de ensino relacionadas aos tipos predominantes de inteligência do indivíduo podem melhorar seu desempenho escolar.

Palavras- Chave: Inteligência; Desempenho; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Howard Gardner define inteligência como um potencial biológico e psicológico sendo esse potencial consequência de fatores culturais e motivacionais que afetam a pessoa. Sendo assim, “Inteligência é a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais” (GARDNER, 1994).

Gardner considerou que temos nove faculdades mentais (inteligências), afirmando que nenhuma trabalha sozinha. Há também a seguinte afirmação:

Essa visão reconhece muitas facetas diferentes e separadas do conhecimento e da percepção humana, acreditando que as pessoas têm forças e estilos de aprendizagem e conhecimento diferenciados, e até

contrastantes (SMOLE, K.C.S., 1999)

Personalidades em destaque das diversas áreas que conhecemos hoje, como Mozart e Thomas Edison, brilharam nas áreas onde suas inteligências tiveram destaques, mas na escola, onde o sistema não contempla todas essas inteligências, foram considerados incapazes sendo assim, isolados e, muitas vezes, humilhados por esse sistema que já é considerado arcaico para nossos jovens. Cortella afirma que é necessário distinguir, na educação, o tradicional e o arcaico. O tradicional deve ser resguardado por sua eficiência pedagógica, já o arcaico que não possui aplicabilidade, deve ser revisto em termos de utilidade, visando a melhora do ensino.

O sistema escolar adotado no Brasil ainda é pautado em causas, não nas consequências. Ou seja, não buscamos saber o porquê do aluno que possui uma

dificuldade de aprendizagem, ter esses problemas, e quais outros métodos podemos utilizar para que ele entenda de maneira mais eficiente a matéria. Estamos acostumados com o básico e mais usual. Nos últimos anos, a evasão escolar, ainda que tenha diminuído, ficou em 11,2%, tendo como motivos o trabalho e a falta de interesse nas matérias escolares, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Sendo assim, a partir de leituras de artigos sobre aprendizagem, dificuldades de aprendizagem e de aulas tanto no ensino médio como na faculdade que relacionavam esse devido assunto com o desenvolvimento infantil, a dificuldade e a curiosidade em achar estratégias que levassem em conta as inteligências predominantes em cada criança foi uma indagação relevante. Desta forma, constata-se que uma pesquisa que levasse a estratégias de aprendizado mais adequadas em sala de aula, seria significativa para melhorar o desempenho

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e de campo, visando maior familiaridade com o problema e uma melhor análise do mesmo, para assim, poder ter um melhor embasamento teórico da hipótese.

A amostra utilizada na pesquisa serão alunos de duas salas que apresentam dificuldades de aprendizagem, em uma Escola de Educação Infantil da cidade de Itajubá, sul de Minas Gerais. Inicialmente, será utilizada uma amostra de 20 indivíduos, porém a adesão e, conseqüentemente, o resultado, serão de acordo com a disponibilidade e interesse das crianças e das escolas.

Como critério de inclusão tem-se: crianças, estudantes da Educação Infantil, que estejam entre a faixa etária dos 4 aos 6 anos de idade (Segunda Infância) e que apresentem dificuldades de aprendizado.

Como instrumentos de coletas de dados, serão utilizados escalas de desenvolvimento, testes de Piaget e, a partir da análise dessa escala/teste, serão planejadas brincadeiras e atividades para serem realizadas em sala de aula, que o tempo necessário para a aplicação das atividades. A análise realizada será qualitativa. No que se referem às escalas/

dos alunos que possuem tais dificuldades de aprendizado e para o professor, que poderia inovar em seu plano de aula, e em seus métodos de ensino, deixando de ter uma aula maçante e passando a ter uma aula mais dinâmica e participativa.

Posto isto, a presente pesquisa insere-se no campo da Psicologia da Aprendizagem e tem como objetivo analisar as dificuldades de aprendizagem em uma escola de educação infantil e, sendo assim, como diferentes estratégias de ensino relacionadas aos tipos predominantes de inteligência do indivíduo podem se aliar para melhorar seu desempenho escolar. Além disso, tem como outros objetivos identificar as dificuldades de aprendizagem, analisar quais são os principais tipos de inteligência presentes na instituição vigente, relacionar os tipos de inteligência com estratégias de aprendizado, pra aumentar assim, a eficiência e o desempenho dos alunos e da aula na escola e melhorar o plano de aula da escola vigente, para que as aulas tornem-se mais dinâmicas e participativas.

envolvam os diferentes tipos de inteligência propostos por Gardner, para assim, aumentar o desempenho dos alunos com problemas de aprendizagem. Será realizada uma visita à instituição para que em seguida, seja realizada, junto aos colaboradores e alunos da instituição, uma coleta de dados e, baseado nessa coleta, será realizado um planejamento de aula com base nos alunos com dificuldade de aprendizagem.

Em contato com os responsáveis dos participantes e professores, será solicitado aos mesmos a autorização e colaboração na participação desta pesquisa (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), fornecendo os dados solicitados no decorrer da mesma. Será frisado que a participação na pesquisa é voluntária.

Na seqüência, será agendado dia e horário, de acordo com a disponibilidade da escola e das crianças, para a realização da aplicação da escala de desenvolvimento/teste de Piaget, ocorrendo de forma individual, para melhor avaliação dos participantes. Será acordado com a escola testes, a análise será qualitativa, analisando o desenvolvimento da amostra presente na instituição. A escala/teste

obedecerá ao manual do instrumento aplicado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa está em fase de aplicação da escala de desenvolvimento/ teste de Piaget.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG pela Bolsa de Iniciação Científica concedida ao primeiro autor.

REFERÊNCIAS

CORTELLA, Mario Sergio. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 3ª edição. São Paulo : Cortez : Instituto Paulo Freire.

OLIVEIRA, N.A.L.; GHEDIN, E.; CAMPOS, M.C.S. **A Epistemologia da Teoria de Gardner no Ensino de Ciências**. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/C>

R2/p856.pdf> Acesso em: 18 de fevereiro de 2018

PORTAL BRASIL. **Evasão escolar cai em todas as etapas de ensino**. Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/educacao/2017/06/evasao-escolar-cai-em-todas-as-etapas-de-ensino> > Acesso em: 17 de fevereiro de 2018

SILVA, V.L.T.; PICCOLO, V.N.L. **Dificuldade de Aprendizagem na Perspectiva das Inteligências Múltiplas: um estudo com um grupo de crianças brasileiras**. Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872010000200009> Acesso em: 17 de fevereiro de 2018

TOGATLIAN, M.A. **Teoria das Inteligências Múltiplas**. Disponível em: <<http://www.togatlian.pro.br/docs/pos/unesa>

Atendimento psicanalítico com pessoas surdas

Adriano Ruan Silva⁽¹⁾; André Poltronieri Santos⁽²⁾

¹Graduando em Psicologia, Centro Universitário de Itajubá, ars-adriano@hotmail.com.

²Mestrando em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, a-polt@hotmail.com.

RESUMO

O presente artigo objetiva verificar por meio de pesquisa bibliográfica, como se dá o atendimento psicanalítico com pessoas surdas. Para tanto, serão apresentados uma breve discussão sobre a psicanálise e um histórico sobre a comunidade surda e sobre a língua de sinais. Defende-se que há grande importância em se conhecer estratégias de comunicação com os surdos para que o atendimento psicanalítico proceda com eficiência. Espera-se observar até que ponto a língua usada pela comunidade surda (língua de sinais) pode efetivamente mediar a interação em um atendimento psicanalítico, tendo em vista o objetivo do psicanalista de identificar manifestações do inconsciente. A pesquisa contará com revisão bibliográfica de literatura voltada à abordagem psicanalítica, bem como de literatura apoiada na interação com língua de sinais.

Palavras-chave: Psicanálise. Surdo. Libras. Atendimento. Inclusão

INTRODUÇÃO

O principal interesse do presente trabalho é entender como se dá o atendimento psicanalítico com pessoas surdas, levando em consideração a língua usada pelos surdos, a saber, a Libras – Língua brasileira de sinais. Para tanto, será feita uma descrição geral sobre o atendimento psicanalítico com ouvintes para, posteriormente, verificar se os mesmos procedimentos podem ser aplicados com pessoas surdas e quais as consequências ou resultados dessa transposição prática. Pretendemos discutir sobre a descoberta do inconsciente por Freud e sua perspectiva até a delimitação do que atualmente se conhece por Psicanálise.

O desconhecimento sobre a língua de sinais e a falta de convivência com os surdos acarreta prejuízos na cultura da comunidade surda e, conseqüentemente, na falta de acesso aos bens da cultura oral e de muitas práticas sociais. Um breve exame sobre a história da Libras mostra que as questões da Educação Especial se tornaram quase totalmente vinculadas a interesses político-econômicos. No Brasil, a Libras se torna língua oficial com a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 (doravante Lei da Libras). Segundo Mori e Sander (2015), outro documento importante para a comunidade surda foi o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a citada Lei da Libras. Esse decreto é um documento específico sobre o uso e a difusão da Libras como uma língua oficial no país. A

promulgação desse Decreto foi um passo notável na história da educação dos surdos no Brasil, pois coloca nosso país à frente de muitos países desenvolvidos, no que se refere à educação especial, devido à visão e prática modernas de respeito, de inclusão e acessibilidade, como o mundo exige nos dias de hoje. (MORI; SANDER, 2015, p. 12)

Ter a língua de sinais reconhecida como meio legal de comunicação e expressão de pessoas surdas no Brasil é uma conquista muito grande para as pessoas surdas que, por muito tempo, ficaram à mercê da sociedade imersa na cultura oral. No Brasil, a Libras teve maior alcance nos anos 90 (QUADROS, 2006).

Pensando na inclusão das pessoas surdas nos diversos contextos sociais, esse trabalho tem como contribuição social apresentar caminhos para os profissionais de psicologia, orientando-os como se portar diante de uma pessoa surda, promovendo a inclusão no atendimento psicológico.

Na oportunidade, o trabalho trará ao leitor a importância de conhecer a língua brasileira de sinais, língua usada por cerca de 9,7 milhões de brasileiros surdos (IBGE, 2010), o que representa 5,1% da população brasileira. Informações levantadas em 2011 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) trazem números ainda mais altos: os números de brasileiros surdos chegam a 28 milhões, mas desses, apenas pouco mais de um terço efetivamente se comunica pela Libras.

As práticas dos psicólogos/psicanalistas são mediadas por linguagem tipicamente oral e, com isso, os surdos acabam sendo excluídos

dessas práticas. O aprendizado da Libras está enredado à conscientização da cultura da comunidade surda, portanto, o presente trabalho poderá levar o profissional a refletir sobre a importância da Libras tanto profissionalmente quanto socialmente, uma vez que é a partir da comunicação com o surdo que será possível identificar manifestações do inconsciente e, por outro lado, incluir o surdo ao contexto de atendimento psicanalítico, contribuindo, assim, com a inclusão social.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa tem sido orientada através de estudos de artigos e livros, sendo, portanto um trabalho de cunho bibliográfico qualitativo. Para trabalhar a temática psicanalítica, o trabalho tomou como orientação os seguintes autores: Freud (1996, [1915]), Lacan (1971), Kusnetzoff (1982) e Nasio (1993), debruçando-nos sobre a Psicanálise, no geral e, especificamente, sobre o inconsciente. Para discorrer sobre a comunidade surda, o trabalho tem embasamento em Bueno (1998) e Quadro & Cruz (2011). A referência principal que orienta a questão norteadora desse artigo: “*como se dá o atendimento psicanalítico com pessoas surdas?*”, é o livro “Atendimento psicanalítico do paciente com surdez”, de Marzolla (2012). Na citada obra, Marzolla se dedica a discorrer sobre a pesquisa clínica com crianças, jovens e adultos surdos com dificuldades de linguagem. Nas obras, selecionamos capítulos voltados à temática que contribuirá para a discussão do papel da linguagem no atendimento psicanalítico e de que forma a Libras merece lugar nas questões ligadas ao atendimento psicanalítico, já que este é mediado segundo uma forte tradição da cultura oralista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, identificamos que o atendimento psicanalítico, tal como a maior parte das práticas sociais, nos parece ter preocupação mínima em integrar-se à comunidade surda, ou melhor, em integrar a comunidade surda a esse contexto particular, já que é tradicionalmente estabelecido e mediado pela cultura oral. Embora o Brasil tivesse algum destaque em relação à oficialização da língua da comunidade surda, é flagrante a carência de medidas que promovam com eficiência a integração/inclusão dos surdos em ambientes sociais imersos em cultura oral. Essa dificuldade de inclusão fica ainda mais evidente quando nos confrontamos com a escassez de trabalhos em que figure alguma relação entre a cultura da comunidade surda e a psicologia ou psicanálise.

CONCLUSÕES

Ainda que a prática psicanalítica seja tradicionalmente oral, o atendimento eficiente com pacientes surdos é, sim, possível, mediante interação com a língua de sinais. A intervenção de um psicanalista durante uma sessão não é considerada um acontecimento externo que age sobre o processo analítico e, por isso, deve ser considerada como uma manifestação do próprio processo analítico. A essência dessa técnica é a obtenção de fundo estável, isto é, a criação de expectativa no psicanalista por sua experiência singular. O analista deve estar disposto à manifestação de experiências singulares, a perceber fora de si e em si. A partir da técnica de associação livre é possível o inconsciente se manifestar, seja pelos atos falhos, chistes ou em sintomas associados à transferência, onde de fato começa o processo analítico. Tendo em vista esses processos, o atendimento psicanalítico com pessoas surdas é possível, desde que o profissional tenha conhecimento da cultura surda e da língua usada por essa comunidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2000. Disponível em: <www.ibge.gov.br>.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: **ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Sobre o narcisismo: uma introdução. **ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, J. **O Saber do Psicanalista**. (ciclo de conferências inédito). 2 dez. 1971.
- MARZOLLA, A. C. **Atendimento psicanalítico do paciente com surdez**. São Paulo: Zagodoni, 2012.
- MORI, N. N. R.; SANDER, R. E. História da Educação de Surdos no Brasil. In: **Seminário de Pesquisa do PPE**. Paraná: Universidade Estadual de Maringá, 2015.
- NÁSIO, J.-D. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. (trad. André Telles). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- QUADROS, R. M. (org.) **Estudos Surdos I**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MARZOLLA, A. C. **Atendimento psicanalítico do paciente com surdez**. São Paulo: Zagodoni, 2012.



Gravidez e separação do bebê: estudo sobre o impacto psicológico em mulheres que se separaram de seus bebês na prisão

Jéssica Taynara Almeida Pinto ⁽¹⁾, Simone Rodrigues Alves de Melo ⁽²⁾

¹Graduanda em Psicologia na FEPI – Centro Universitário de Itajubá, jeh_taynara@hotmail.com

²Professora de Psicologia na FEPI – Centro Universitário de Itajubá, simonera@ig.com.br

RESUMO

O número de mulheres encarceradas está cada vez mais crescente no país, bem como o número de mulheres que ganham seus bebês dentro desse ambiente carcerário. De acordo com o INFOPEN 2014 e INFOPEN 2016, o aumento da população feminina encarcerada no período de 2000 a 2014 foi de 567,4%, levando o Brasil ao quinto lugar no ranking mundial de mulheres carcerárias, com 42.355 mulheres, sendo que 74% possui pelo menos um filho. Quando esses bebês nascem dentro da prisão são separados de sua mãe logo após o período de lactação, e entregue a familiares ou lares de adoção, gerando alterações no vínculo mãe-bebê (Ramires & Schneider, 2010), bem como no comportamento da mãe (Aragão, 2004). A presente pesquisa tem como objetivo analisar quais as alterações comportamentais na mãe carcerária, devido a separação do bebê. Esta é uma pesquisa empírica de Iniciação Científica, que utiliza de coleta de dados por pesquisa semiestruturada com delineamento quantitativo e qualitativo, análise do discurso e estudo bibliográfico.

Palavras-chave: Prisão feminina. Maternidade. Gravidez na prisão

INTRODUÇÃO

Quando nasce uma criança é gerado uma mudança no ambiente em que esta é inserida, bem como aos familiares e pessoas próximas, principalmente na mulher, que agora passa a desenvolver a função materna (Aragão, 2004). Conforme Oliveira (2000) é nos primeiros meses de convivência entre mãe e filho que se desenvolve a percepção sobre a maternidade e surge a necessidade da vincularidade.

Com isso, fica claro a importância da relação mãe-bebê, relação esta que pode se constituir em ambientes diversos - inclusive a prisão - que interferem reciprocamente no comportamento e desenvolvimento do indivíduo (Skinner, 1982). Muito se tem pensado nesse reflexo do ambiente no bebê, mas nesta pesquisa o foco será a mãe, nos efeitos da maternidade no comportamento feminino, em um lugar comumente considerado hostil, como o carcerário.

Dentro deste ambiente, esta percepção e vínculo ficam fragilizados (Ramires & Schneider, 2010), uma vez que após um período com o filho, normalmente o de lactação, os bebês são separados de suas mães, para que possam crescer em liberdade, com familiares, abrigo de menores ou lares de adoção.

No momento em que a mãe é separada do bebê a realidade dela também é alterada, já que além dela não ter mais o contato diário com a criança, ela perde o papel de cuidadora além de voltar para o ambiente carcerário anterior, ou seja, ela perde alguns direitos diferenciados das outras detentas, que lhes eram garantidos pela Lei de Execução Penal (LEP) art. 82, § 2.º, como maior atenção médica e número reduzido de colegas de cela ou celas individuais, em alguns presídios.

Assim esta pesquisa tende a questionar como ficam as alterações comportamentais da mãe encarcerada após a separação do bebê.

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia será pesquisa em campo, semiestruturada. Para Queiroz (1988), este método de pesquisa é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos. Esta pesquisa terá delineamento quantitativo e qualitativo, através de estudo transversal e descritivo (Flick, 2009; Ruiz, 2013). A pesquisa será realizada com mulheres encarceradas de idades variadas, que lhes foram imputadas a separação dos filhos, na penitenciária feminina de Tremembé II. Será apresentado as sujeitas da pesquisa um Termo de Consentimento autorizando o uso dos dados na pesquisa bem



como o uso de gravador de voz (para que não seja perdido nenhuma informação relevante), previamente autorizado pela Secretária de Administração Penitenciária de São Paulo, e após assinado, irá ser utilizado o instrumento, no caso o questionário semi-estruturado. Feito isso, irá começar a análise dos dados gravados, que irão ser verificados e transcritos. O método a ser utilizado para a interpretação dos resultados, será a análise do discurso (Bardin, 2010) feito pelas carcerárias, com a hipótese de que aja padrões de comportamento que se modificam com a chegada e separação do bebê.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos até o presente momento, foram a aceitação e interesse por parte da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, instituição que concedeu uma bolsa de Iniciação Científica, e por parte do presídio, que já aprovou a pesquisa empírica (previamente submetida na Plataforma Brasil, com autorização do Sr. Secretário Dr. Lourival Gomes da Secretaria de Administração Penitenciária de São Paulo). E enquanto faz-se os trâmites legais burocráticos para a ida a campo de pesquisa, tem-se feito a busca por arcabouço e respaldo teórico para a concretização factual da mesma.

CONCLUSÕES

Foi possível concluir, até o presente momento, mediante pesquisa bibliográfica, que há muitas leis que protegem e asseguram os direitos das detentas quanto à questão da maternidade no cárcere, porém poucas delas são aplicadas de fato.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG pela Bolsa de Iniciação Científica concedida ao primeiro autor.

REFERÊNCIAS

Aragão, R. O. (2004). *O bebê, o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do psicólogo.

Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições, 70.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Lei de Execução Penal (LEP) art. 82, § 2.º. Acesso em 19 de fevereiro, de: <https://prespublica.jusbrasil.com.br/legislaca>

o/109222/lei-de-execucao-penal-lei-7210-84#par-2--art-82.

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Ministério da Justiça (2016). Levantamento Nacional de informações penitenciárias. *INFOPEN-BRASIL* - junho de 2016. Acesso em 19 de fevereiro, 2018, de: http://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil/relatorio_2016_junho.pdf

Ministério da Justiça (2014). Levantamento Nacional de informações penitenciárias. *INFOPEN-MULHERES* - junho de 2014. Acesso em 19 de fevereiro, 2018, de: <http://www.justica.gov.br/news/estudo-traca-perfil-da-populacao-penitenciaria-feminina-no-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf>

Oliveira, R. A. (2000). Do vínculo às relações sociais: Aspectos psicodinâmicos. *Análise Psicológica*, 2(18), pp. 157-170.

Queiroz, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988. p. 68-80.

Ramires, V. R. R. & Schneider, S. M. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), pp. 25-36.

Ruiz, J. A. (2013). *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.

SKINNER, B.F. *Sobre o behaviorismo*. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo, Cultrix / Ed. Universidade de São Paulo, 1982.

A música na psicologia hospitalar: um estudo a partir de depoimentos

Tairiny Paola Nogueira ⁽¹⁾; **Taciane Castelo Branco Porto** ⁽²⁾

Tairiny Paola Nogueira, Taciane Castelo Branco Porto, Centro Universitário de Itajubá-FEPI, curso de Psicologia, atelierdepsicologia@tcnet.com.br, tairiny.psi@gmail.com.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de campo, dos tipos exploratória e qualitativa, com o propósito de compreender a música enquanto um recurso facilitador nos atendimentos com pacientes hospitalizados, tendo como base a abordagem fenomenológica-existencial. A pesquisa contará com 3 participantes, que responderão a um questionário relatando sua experiência enquanto psicólogas hospitalares fazendo o uso da música em seus atendimentos. Os dados serão coletados e analisados numa perspectiva da Psicologia fenomenológico-existencial humanista.

Palavras-chave: **Música, Musicoterapia, Hospital, Psicologia, Fenomenologia-Existencial.**

INTRODUÇÃO

Segundo a Federação Mundial de Musicoterapia (1996), musicoterapia significa fazer o uso de música em conjunto com seus elementos envolvendo som, ritmo, melodia e harmonia; sendo executada por um profissional formado em musicoterapia, sendo este qualificado para atuar frente a um cliente e/ou um grupo.

Os objetivos da musicoterapia visam auxiliar e promover a comunicação, assim como a relação, envolvendo a aprendizagem e a expressão do sujeito, mantendo como foco facilitar o desenvolvimento físico, emocional, mental, social e cognitivo. Envolve, ainda, a integração das relações intra e interpessoais, proporcionando melhor qualidade de vida, atuando de maneira preventiva, sem esquecer da reabilitação e tratamento do sujeito (OLIVEIRA & GOMES, 2014).

Os mesmos autores ressaltam (2014) que, atualmente se sabe que a musicoterapia tem auxiliado nos processos de doença consideravelmente, podendo ser utilizada como um ato preventivo. Por sua vez, está presente também na manutenção de um estado de saúde ao sujeito, visando a prevenção de doenças adquiridas no próprio cotidiano; onde a música será um recurso que proporcionará um momento relaxante a fim de o sujeito liberar suas tensões e preocupações. Afirmam que a música, por si só, é um instrumento subjetivo, contendo em si um significado único, podendo ser sentida e recordada de maneiras distintas.

“A música, portanto, é um meio de comunicação poderoso capaz de conectar as pessoas nos níveis físico, fisiológico e mental” (OLIVEIRA & GOMES, 2014 apud HAMEL, 2006p. 69). Também afirmam que:

(...) única entre as artes, é ao mesmo tempo completamente abstrata e profundamente emocional. Não tem o poder de representar seja o que for de concreto ou de exterior, mas tem um poder único no que se refere à expressão de estados internos ou de sentimentos. A música é capaz de nos tocar diretamente, o coração; não requer mediações (SACKS, 2008 apud OLIVEIRA & GOMES, 2014, P. 302).

A musicoterapia atua de maneira ampla, auxiliando as pessoas que solicitam sua ajuda, não havendo um grupo específico. Esta abordagem tem como público crianças, adultos, idosos, pessoas que possuem algum tipo de deficiência física, mental, problemas de desenvolvimento e até mulheres em trabalho de parto, podendo estas se beneficiarem da musicoterapia (BERRÊDO, 2009 apud GREER, 2009).



Segundo os autores (Flohr, Miller & Deebus, 2000), citados por Ilari (2005) perante o desenvolvimento infantil, o cérebro humano possui uma maleabilidade quanto aos efeitos relacionados a aprendizagem, destacando-se frente as demais fases da vida. Já os autores (Werner & Vandenbos, 1993), relacionam o desenvolvimento auditivo, sendo exatamente neste período do nascimento aos dez anos da criança a ocorrência das distinções relacionadas à altura, timbre e intensidades; onde estas por sua vez se tornam mais refinadas, bem como suas preferências e memórias musicais. De acordo com o autor (Ilari, 2005), o desenvolvimento cognitivo musical está associado aos processos de impregnação e imitação, bem como aos de ordem comunicacional, sendo uma delas a emoção, ocorrendo entre crianças e adultos, além de envolver cultura, etnia e entretenimento. Por sua vez os estudiosos em musicoterapia, sugerem que tais práticas envolvendo crianças e adultos são imprescindíveis, pois contribuem junto ao desenvolvimento auditivo, motor, cognitivo e social, contribuindo no fortalecimento quanto as questões afetivas de ordem familiar.

O profissional de psicologia após se especializar em musicoterapia, pode atuar nesta área, beneficiando seus pacientes sejam estes em quais contextos se encontrarem, utilizando esta ferramenta de trabalho de maneira criativa (CUNHA& VOLPI, 2008).

Neste trabalho, optamos por realizar a entrevista indireta com profissionais de psicologia atuantes em hospitais gerais, a fim de estudarmos os benefícios que a música é capaz de proporcionar a esses pacientes, a partir da abordagem fenomenológica.

Frente a esta ótica, a musicoterapia no ambiente hospitalar visa realizar o atendimento frente as necessidades dos pacientes que se encontram hospitalizados, independente das circunstâncias.

Cunha e Volpi (2008) corroboram, ainda, com a teoria de que o ambiente hospitalar objetivo, com esta técnica, auxiliar na expressão dos sentimentos, além de oferecer acolhimento, mostrar o quanto o musicoterapeuta está presente na relação, contribuindo de maneira eficaz para a recuperação do paciente, seja esta física, mental ou emocional.

As interações musicais realizadas em ambiente hospitalar, possibilitam a humanização destes locais, contribuindo para criação de momentos prazerosos e de bem-estar, de maneira a sensibilizar os pacientes para novas experiências artísticas e culturais (LEÃO, 2006 apud CUNHA& VOLPI, 2008).

O ambiente hospitalar conta com o auxílio de uma equipe multidisciplinar, sendo o psicólogo um elemento fundamental para esta equipe hospitalar. Desse modo, se faz necessário que

especialmente médico e psicólogo estendam suas atuações para algo que vá muito adiante dos aspectos trazidos pela doença, voltando esse olhar profissional para o contexto social e comunitário. No olhar de uma medicina da totalidade, não há como fazer a separação do orgânico, do psíquico, emocional, individual e social; pois a relação do homem e ambiente são permeadas por tudo aquilo que os compõe desde seu nascimento, crescimento e desenvolvimento, aquilo que de fato o faz viver (BLEGER, 1984 apud CAMPOS, 1995).

Para Campos (1995) o psicólogo em sua atuação contribui efetivamente no que se refere a humanização do hospital; partindo da premissa que o ato de humanizar envolve acolher e socorrer o desprovido daquele paciente, abrangendo ainda as questões trabalhistas do corpo que constitui a instituição. Se faz indispensável tratar o paciente hospitalizado como sujeito livre e responsável por sua própria saúde, não permitindo que sua doença seja um fator limitante.

A presença genuína por parte do psicólogo se faz indispensável, pois possibilita o restabelecimento do abarcamento e da sintonia presentes na pessoa junto ao mundo e, conseqüentemente consigo mesma. Logo no início de nossa vida já passamos a vivenciá-la junto a alguém, em constante interação com o mundo. Um alguém que ao longo do aprendizado de vida, passa a nos envolver, acolher e ensinar a como percorrer no temido curso de nossa existência (FORGHIERI, 1997).

Para Forghieri (1997), o saber psicológico vai além, pois envolve reflexão e vivência; um estudo que atua na compreensão das significações que emergem frente ao contato efetivo do próprio psicólogo no que se refere a sua respectiva existência e a de seus similares.

O atendimento quando realizado em uma visão fenomenológica, afirma que, quando almejamos conhecer um sujeito, se faz necessário um respaldo em sua existência real. De maneira que quando desejamos compreender genuinamente uma pessoa, devemos ao menos amá-lo (CAMPOS, 1995).

Por outro lado, não se deve olhar o ser humano apenas através de teorias psicológicas, mas acima de tudo atuar frente a este sujeito respeitando sua autenticidade e originalidade no que diz respeito ao fenômeno humano. (BOSS, 1981 apud CAMPOS, 1995).

O psicólogo deve auxiliar o paciente na recuperação da experiência de amor que, por vezes o hospital lhe retira, retomando aquela postura de dedicação, proteção, envolvendo um cuidado que seja condizente a essência singular (CAMPOS, 1995).



A atuação do psicólogo nesse contexto será indispensável, devendo auxiliar o paciente a esclarecer o sentido de sua existência; respaldando-se em conhecimentos científicos que deem conta do psiquismo humano (CAMPOS, 1995).

Para esta autora (1995), numa perspectiva fenomenológico-existencial, o psicólogo parte da premissa de ser um facilitador do processo, auxiliando o paciente a clarificar e melhorar aquilo que aparentemente não se encontra em bom funcionamento, sendo ativo no processo de existir do paciente, mostrando-se próximo especialmente em momentos de aflição, a fim de que o mesmo não se sinta abandonado.

Finalmente, pretende-se com este trabalho dar uma contribuição para a psicologia hospitalar que vem se mostrando ampla ao longo dos anos, buscando melhorar cada vez mais em seus recursos e atendimentos aos pacientes e familiares que ali se encontram. Utilizando-se do recurso música, temos como objetivo ir além daquele atendimento pautado no modelo médico, buscando através da prática comprovar os benefícios proporcionados pelos elementos musicais no desenvolvimento e melhora dos pacientes, contando com um auxílio teórico e científico interligados aos aspectos hospitalares e musicais.

MATERIAL E MÉTODOS

Participantes

Participarão desta pesquisa três psicólogas hospitalares, que tenham utilizado a musicoterapia no atendimento de pacientes internados. A partir dos seus relatos escritos de forma indireta, analisaremos fenomenologicamente o sentido e o significado para o paciente internado de ter sido atendido a partir do uso da música.

Para a realização desta, o presente trabalho ainda passará pela aprovação do Comitê de ética da instituição- FEPI.

Área de realização

Será realizada uma entrevista indireta, com relatos escritos com cada psicóloga hospitalar, o qual tem por finalidade uma descrição, a partir da prática profissional das mesmas, do sentido e do significado para os pacientes hospitalizados de terem sido atendidos com a utilização da música como recurso. Duas das profissionais atuam no Hospital-Escola e a outra na Santa Casa de Misericórdia, ambos localizados na cidade de Itajubá-MG.

O Hospital-Escola tem por finalidade atuar de forma preventiva e corretiva, dentro das normas vigentes, executando atividades ligadas às instalações, além de ofertar um serviço diferenciado e inexistente na região até então, com estrutura que viabilize atendimento e tratamento às demandas existentes no sul do Estado. Busca realizar atendimento aos pacientes de toda macrorregião.

A Santa Casa de Misericórdia tem por finalidade promover assistência médico-hospitalar a enfermos necessitados, sem que haja distinção de cor, sexo, raça, crença religiosa ou ideal político. Busca, ainda, atuar como campo para instrução de profissionais da saúde.

Instrumento

Este trabalho tem por finalidade a utilização de um questionário fechado, que será mensurado através de uma metodologia qualitativa. Esta por sua vez, visa compreender os principais elementos de fenômenos descritos nos relatos em âmbito hospitalar (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A análise qualitativa envolve uma busca da apreensão dos significados que emergem dos relatos das pessoas dos entrevistados, onde posteriormente será relacionada ao contexto ao qual se insere, junto a abordagem conceitual utilizada pelo pesquisador. Deste modo, baseia-se na qualidade, sem haver pretensões de impactar o início da representatividade (FERNANDES, 1991 apud ALVES & SILVA, 2002).

Análise de dados

Na análise qualitativa dos resultados é possível um aprofundamento referente aos dados coletados, que permitirá a análise significativa decorrente do uso de música nos atendimentos hospitalares, como a melhora e desenvolvimento no processo hospitalar em que o paciente se encontra. (FORGUIERI, 1997 apud BARBOSA et al, 2011).

Os dados coletados durante a entrevista com as psicólogas serão analisados de acordo com a teoria psicológica da abordagem fenomenológica-existencial que possui pressupostos filosóficos na Fenomenologia e no Existencialismo.

O último passo da análise dos dados coletados pela pesquisadora, será sublinhar as unidades de sentido dos pacientes, que emergirem dos relatos escritos pelas psicólogas participantes. Neste caso, as unidades de sentido diferenciadas deverão ser levadas em consideração e descritas em geral, numa linguagem psicológica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Para a mensuração dos dados este trabalho apresenta uma compreensão qualitativa, dando ênfase aos principais elementos decorrentes dos relatos das profissionais da área de Psicologia.

O objetivo da coleta dos relatos envolverá a experiência vivenciada pelas psicólogas no ambiente hospitalar nos atendimentos realizados com a música.

Para este trabalho, o instrumento a ser utilizado visa a compreensão do fenômeno relatado mediante um questionário que será analisado sobre o olhar da abordagem fenomenológico-existencial.

CONCLUSÕES

Almeja-se que a realização desta pesquisa possa ser um fator contribuinte na Psicologia Hospitalar, assim como a teoria que envolve a Musicoterapia; que prioriza auxiliar o processo de hospitalização desses pacientes, tornando este ambiente mais leve e buscando contribuir para a melhoria dos casos clínicos. Também, sem excluir, a subjetividade das dinâmicas familiares de cada paciente individualmente.

Espera-se, também, que a música possa ser realmente um recurso facilitador nesses processos de hospitalização, contribuindo para que esta técnica seja cada vez mais utilizada pelos hospitais, clínicas psicológicas, APAES, entre outros; respeitando a teoria fenomenológico-existencial, utilizada na pesquisa.

REFERENCIAS

ALVES, Z. M. & SILVA, M. H. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, n.2, fev./jul, 2002.

BERRÊDO, M. L. **A criança e a música: uma parceria no processo de desenvolvimento**. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em

Música do Instituto Villa Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, Rio de Janeiro, 2009.

BLEGER, J. **Psico-higiene e psicologia institucional**. Trad. Emília de Oliveira Dichl. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1984, 130p.

CAMPOS, T. C. **Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo em hospitais**. São Paulo: EPU, 1995. CUNHA, R. & VOLPI, S. A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação: **Revista Científica /FAP**, v.3. p.85-97. jan./dez, Curitiba, 2008.

FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA. Disponível em: <<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/12/2-Defini%C3%A7%C3%A3o-de-Musicoterapia.pdf>>, 1996. Acessado em 16 de março de 2018.

FORGHIERI, Y.C. **Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas**. São Paulo: Pioneira, 1997.

LEÃO, E. R. **Música nos hospitais**. Disponível em: <<http://www.editorial.com.br>>. Acesso em: 10 março. 2018.

OLIVEIRA, C. C & GOMES, A. **Breve história da musicoterapia, suas conceptualizações e práticas**. Ata do XII congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação (SPCE), 2014. Disponível em: <[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39982/3/S%20livro%20SPCE%202015%20PCE2_EIXOS_BOOK%20CC%20\(2\).pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39982/3/S%20livro%20SPCE%202015%20PCE2_EIXOS_BOOK%20CC%20(2).pdf)>. Acessado em 15 de março de 2018.

PRODANOV, C.C. & FREITAS, E.C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.



As Origens dos Relacionamentos Humanos no Cotidiano do Adulto Contemporâneo.

Julia Oliveira Vizotto; Roselle Fernandes Torres de Oliveira.

Julia Oliveira Vizotto – Centro Universitário de Itajubá - Fepi, Psicologia juliavizotto@live.com;
Roselle Fernandes Torres de Oliveira - Centro Universitário de Itajubá - Fepi, Psicologia rosellefto@hotmail.com .

RESUMO

Na pós-modernidade a relação do homem com o meio social se transforma constantemente. Essas transformações podem ser interpretadas por alguns, como resultado de uma crise institucional, de valores e costumes, ou ainda por outros, podem ser enxergadas como positivas e libertadoras. O consenso é que hoje, o homem ocidental dirigiu a maioria de seus interesses a si próprio, dando maior privilégio a seus desejos individuais ao invés dos coletivos. Ao voltar-se a si, o indivíduo passa por uma autoavaliação contínua de suas ações, valores, costumes, metas e relacionamentos. Hoje o sujeito possui maior liberdade para questionar, porém, quando não encontra respostas suficientes pode se apoiar em estereótipos e tabus, que ainda são perpetuados. Algumas dessas respostas são expostas sob um olhar etológico na obra *O Macaco Nu* de Morris, que por vezes discorda e em outras complementa, as respostas dadas por Navarro Lins em *A Cama na Varanda*. A partir de uma pesquisa de carácter bibliográfico, este artigo propõe explorar as perspectivas biológicas e sociais empregadas pelos dois autores sobre fidelidade, monogamia, casamento, sexo e relacionamentos afetivos. Para que desta forma, possa ser discutido o quanto elas influenciam o comportamento do adulto contemporâneo. Concluiu-se que os estereótipos sobre os papéis sociais mascaram a potencialidade natural do desejo e interferem diretamente na qualidade das relações humanas. Logo, a compreensão das raízes de nossos padrões em sociedade é fundamental para basear um bom relacionamento em comunidade.

Palavras-chave: Amor, Sexo, Relacionamento Afetivo, Fidelidade, Adulto, Desenvolvimento Humano.

INTRODUÇÃO

Visando obter um panorama integrado e sintético sobre o sexo e as relações afetivas na idade adulta, foram recolhidas perspectivas de duas fontes bibliográficas antagônicas, *O Macaco Nu*, do zoólogo Desmond Morris, e *A Cama na Varanda* da psicóloga Regina Navarro Lins. A partir das descrições sobre as conceituações desses autores, este artigo discute as duas obras na disciplina de Desenvolvimento Humano do adulto para ventilar o tema da sexualidade do adulto contemporâneo. A disciplina de psicologia do Desenvolvimento Humano se propõe a estudar as mudanças maturacionais dos seres humanos durante toda sua vida, analisadas sobre os aspectos físicos, cognitivos e psicossociais.

Diante dos inúmeros tabus e incoerências que ainda circundam o senso comum quando se fala sobre sexo, este artigo se propõe a discutir sobre a constituição das relações entre os homens, o orgasmo, e ainda, algumas implicações sexuais na fase adulta de desenvolvimento humano. Para que se torne possível dimensionar a ligação entre nossos comportamentos amorosos mais

rudimentares e primitivos aos novos desafios dos relacionamentos na pós-modernidade.

A natureza deste trabalho é portanto explicativa e descritiva.

A partir de uma pesquisa de carácter bibliográfico, este artigo propõe explorar as perspectivas biológicas e sociais empregadas pelos dois autores sobre fidelidade, monogamia, casamento, sexo e relacionamentos afetivos. Para que desta forma, possa ser discutido o quanto elas influenciam o comportamento do adulto contemporâneo

MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica baseada em obras que refletem sobre as relações amorosas na contemporaneidade, com um certo destaque para dois livros que tratam do assunto sobre diferentes abordagens. *O Macaco Nu* é o nome do livro escrito por Desmond Morris em 1967, e com última reedição em 2004. O autor britânico ficou popular durante os anos 60 por abordar as relações humanas sobre um ponto de vista etológico, isto é observar o homem biologicamente, nu e cru, por trás das vestimentas e máscaras sociais que ele se esconde.



Um conceito introdutório de toda sua obra é o da neotenia, o processo em que o desenvolvimento da espécie é “infantilizado” afim de garantir a sua sobrevivência. Isto é, o cérebro de nossos primatas passou a se desenvolver mais lentamente em comparação a outros animais, e só realmente amadurecer na fase adulta. Este “retardamento” trouxe maior flexibilidade ao cérebro e maior capacidade de moldá-lo a partir de experiências vividas. Porém, o recém-nascido necessita de muito mais atenção, por exemplo, do que um pequeno potro, o que conseqüentemente, também exigia uma firme unidade familiar.

A carência por relações afetivas mais profundas e duradouras também surge graças a neotenia. Por demandar maior tempo de cuidados e atenção, o homo sapiens infantil desenvolve uma afetividade mais intensa com seus progenitores, que após um período de maturação e independência deverá ser suprida por uma nova relação tão vigorosa quanto a inicial. Para que essa nova relação alcance seus objetivos foi preciso aperfeiçoar o sexo.

Por outro lado, no livro *A cama na varanda de Lins*, é feito um compilado histórico-sociocultural que vai desde o homem pré-histórico de Cro-magnon, até as novas aspirações em ascensão na contemporaneidade. Dentro desta linha do tempo, ela avalia como os seres humanos foram tecendo seus códigos de conduta social e sua maneira de relação afetiva.

Além de tratar sobre as concepções de amor, a autora ainda aborda os temas casamento e sexo. Ela apresenta sua impressão sobre a sexualidade atualmente e relaciona aos diferentes argumentos e estudos contemporâneos sobre o caso. Ao falar de casamento, expõe o quanto ele é fruto de nossa cultura judaico-cristã e o quanto está fadado ao fracasso. Para ela, na pós-modernidade os relacionamentos não serão mais baseados no controle e na posse do parceiro, se desenvolvendo de formas mais abertas e espontâneas.

A obra de Lins, é muitas vezes vista como uma ameaça, que desafia a constituição da família tradicional e dos bons-costumes, uma herege. Porém, para outros, é um ícone que desconstrói estigmas e abre as portas para discussões mais amplas e flexíveis sobre os relacionamentos num cenário brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da mesma forma que Morris, Lins delinea as características das relações sexuais na cultura ocidental. Porém, enquanto ele defende que “foi a natureza biológica da besta que moldou a estrutura social”, Navarro se opõe, analisando o quanto a estrutura social moldou nossa relação com a sexualidade atualmente.

O macaco Nu X o Homem de Cro-magnon

O macaco nu de Desmond Morris é um símio pelado com enormes qualidades vocais, agudo sentido de exploração e grande tendência a procriar, que a si próprio se cognominou Homo Sapiens. Morris examina seu comportamento básico sobre as lentes da zoologia.

Ao se tornar um animal carnívoro, o apelidado “macaco nu”, teve de assumir certas responsabilidades, dentre elas, adotar comportamentos de fidelidade e monogamia entre fêmea e macho. A nova forma de alimentação carnívora demandaria mais um esquema de motivação: além do estímulo à alimentação, se acrescentaria o estímulo de caçar. O que levou o macaco nu a necessitar estabelecer vínculos sociais, que garantissem a sua segurança e a sobrevivência de suas crias mesmo durante períodos longos doados à caça. A fêmea seria desde o princípio fiel ao macho que a fecundou, para que não houvessem disputas entre os machos, e para que ela sobrevivesse à maternidade, que a impedia de caçar. Logo, para Morris, o comportamento do macaco nu é autenticamente patriarcal e se justifica pelos princípios evolucionistas.

Baseando-se em estudos da vida sexual de duas espécies monógamas: os tordos e as raposas vermelhas (Hrdy 1981, Fedigan 1982), a antropóloga canadense Fisher (1995) reforça a perspectiva de Morris quando expõe o quanto esta nova forma de obtenção de alimento, e o bipedalismo incapacitou as fêmeas grávidas de obterem a própria caça. Submetendo-as a uma fidelidade imprescindível. Para o macho, a monogamia seria a única opção viável que garantiria que ele passasse seus genes para a posterioridade, isto é, sua paternidade. Contudo, em que é baseada a crença do direito a paternidade?

A paternidade para Navarro, só surge no neolítico quando o macho ex-caçador percebe, a partir da domesticação das ovelhas, que a presença do carneiro é necessária no rebanho para a reprodução e a produção de leite. Sem a reprodução das ovelhas, elas poderiam ser fadadas a extinção, isto é, a escassez de alimentos para o ser humano.

O homem de Cro-magnon de Navarro, contradiz em muitos aspectos o Macaco Nu. Ela compreende a necessidade de vínculo social entre homens e mulheres primatas pra sobreviver, mas alega que ainda se desconhecia o vínculo entre sexo e procriação. “os maridos não imaginavam que tivessem alguma participação no nascimento de uma criança.” A paternidade é colocada como uma criação social “o matrimônio por grupos. Cada criança tinha vários pais e mães, havendo apenas a linhagem materna.”.



Morris exalta a virilidade do macho que vai à caça, mas se esquece do papel da fêmea, que sob a perspectiva de Lins, foi símbolo da fertilidade e riqueza durante a Revolução Agrícola do período Neolítico. A pré-história era majoritariamente matriarcal. É somente com a ‘descoberta’ consciente de uma linhagem paterna, que o macho começa a exigir, como quem havia sido renegado por uma eternidade, a responsabilidade sobre a reprodução de sua espécie. A partir de então, “a superioridade física encontra espaço para se estender a superioridade ideológica”.

O Orgasmo

Morris comenta sobre o orgasmo feminino como uma derivação ou cópia do orgasmo masculino, e que se processa de forma restrita à estimulação clitoriana. Pois, segundo ele, o fato da fêmea ficar exausta e saciada depois do orgasmo evitaria que ela “saísse andando” após a cópula e deixasse escorrer o sêmen. Já Navarro, se contrapõe quando relembra que existem, no mínimo, dois tipos de orgasmo feminino: o do clítoris, e o do chamado, ponto G. Ainda fomenta o quanto o processo de excitação orgásmica é diferente para homens e mulheres: no homem, a excitação corresponde mais aos estímulos visuais e pode alcançar seu ápice mais rapidamente, podendo durar até aproximadamente 20 segundos; após o coito, passa por um período refratário que pode variar de pessoa pra pessoa. Nas mulheres, a excitação é maior frente a estímulos táteis e demora mais tempo para atingir seu ápice, porém quando chega, pode durar até duas vezes mais do que no orgasmo masculino. Quando acaba, pode retornar a uma nova experiência orgásmica a qualquer momento. Toda essa ‘ultrasensualidade’ feminina, segundo Lins, assusta os homens, e parece inclusive assustar Morris, que atribui a insaciável excitação feminina a uma forma de garantir que a fêmea esteja continuamente disposta a responder ao macho, e não constitua perigo a estabilidade do casal.

Algumas implicações sexuais na fase adulta de desenvolvimento humano

A monogamia e a fidelidade tem prazo de validade até mesmo na natureza. A chamada “crise dos quatro anos” que afeta os casamentos de grande parte de jovens adultos atualmente coincide perfeitamente com a duração normal da paixão (Fisher, 1995). No entanto, uma perspectiva etológica ainda oferece mais uma explicação para tal fenômeno. Lancaster (1983) sustenta que essa crise seria um padrão herdado de nosso passado evolucionário, em que o período de quatro anos seria o necessário para o restabelecimento fértil da fêmea entre um nascimento e outro.

Quando a fidelidade do casamento é colocada em risco, tomam-se medidas mais inofensivas para satisfazer o interesse pelas atividades sexuais. O que Morris vai expor como uma outra forma de relação pessoal anormal atualmente, o voyeurismo. Este termo significa excitação sexual ao ver outros indivíduos copularem, sem qualquer participação ativa. Hoje em dia, o voyeurismo e o narcisismo ganham mais força por meio das redes sociais virtuais, um ambiente em que a aparência é mais relevante do que a realidade. Contudo, essa exibição incessante e exacerbada, forma um modelo de vida ideal insustentável pelos indivíduos. Este fenômeno atinge principalmente os adultos jovens, que estão no auge fisiológico de sua vida sexual e necessitam de grande aprovação nessa área. Seja por meio da consolidação de um relacionamento afetivo (o casamento), ou pela adoção de métodos que glorifiquem suas capacidades sexuais, como a ingestão desnecessária de Viagra.

Navarro chega a comentar o quanto que o estabelecimento da fidelidade em um casamento é exigido quase que exclusivamente a mulher. E este controle sobre sua sexualidade pode prejudicar o desenvolvimento sexual. Muitas mulheres, principalmente àquelas no estágio intermediário e avançado da adultice, não conseguem se expressar sexualmente, ou sentem que isso não é necessário, pois sempre lhes foi imposto uma “castidade” e submissão ao marido. Este cenário se fortifica ainda mais quando a mulher entra no processo da menopausa, passando a reduzir suas taxas de produção de estrogênio e testosterona e conseqüentemente, seu interesse sexual (Papalia, 2013). O quadro de desinteresse feminino pode agravar a distância afetiva entre marido e mulher que muitas vezes já havia sido fundada na dicotomia da submissão-imposição, e agora poderia colocar em risco a questão da fidelidade. Para Fernandes (2018) o amor romântico foi a convicção que justificou superficialmente os casamentos em uma época em que era necessário estabelecer laços econômicos e políticos. O amor romântico, portanto, não envolve o prazer sexual ou o apeço ao outro, mas sim o puro sofrer por amor. O problema é que hoje muitos casais ainda se baseiam neste sentimento infundado e deslocado de seu contexto e funcionalidade.

Para que atualmente exista um convívio saudável entre cônjugues é preciso que estes se compreendam como dois indivíduos providos de vontades, desejos e preferências singulares de cada um. E que administrem com equilíbrio suas divergências e similaridades numa relação que vise o progresso de ambos.

CONCLUSÕES

Muito do que somos hoje se deve aos percalços pelos quais os seres humanos passaram através

dos tempos. Somos seres bio-psico-sociais, isto é, não podemos encontrar respostas irreduzíveis às questões sobre relacionamentos humanos se nos restringirmos somente às explicações de um campo específico, seja ele biológico, social ou psicológico. Hoje, se compreende o ser humano como um ser influenciado por diversos fatores tanto externos quanto internos, filogenéticos ou ontogenéticos, orgânicos ou culturais.

Enquanto a perspectiva etológica tem a capacidade de despir o homem de seus valores e costumes, revelando a origem primitiva e biológica de seus comportamentos. A perspectiva sócio-cultural reforça que, este homem não apenas compõe a cultura, como também é composto por ela.

Mesmo entre controvérsias, ambos autores expostos neste artigo entram em acordo quando dizem que muitas de nossas concepções de amor, sexo e laços sociais, atualmente tendem a negar e reprimir a potencialidade sexual natural dos seres humanos.

Portanto, para vivermos melhor com nosso sexo, e nossas relações cotidianas é importante termos ciência de como eles se dão biológica e evolucionalmente e ainda, o quanto se baseiam em regras e contratos sociais. Para que, a partir daí seja possível se desprender de estigmas e esteriotipos que emperram nossos vínculos de amor. Por fim será possível compreender a melhor maneira de lidar com o outro e progredir mutualmente.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, A.: **Fuja do amor-romântico**. Disponível em <
<https://www.aidefernandes.com.br/busca?q=amor>>
Acesso 27 de Agosto de 2018.

LINS, R. N. **A Cama na Varanda**: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo. Rio de Janeiro, 2017.

MORRIS, D. **O Macaco Nu**: um estudo do animal humano. São Paulo: Record, 2004.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R.D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre McGraw Hill – Artmed, 2013.